

CECELIA AHERN

O Ano em que Te Conheci

Tradução
Ana Paula Corradini



© Cecelia Ahern, 2014
Publicado originalmente em inglês na Grã Bretanha, por Penguin Books Ltd.
© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

2ª Impressão — 2016
Impressão e Acabamento RR Donnelley 300616

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação de texto: Marcelo Maia Torres
Revisão: Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ahern, Cecelia
O ano em que te conheci / Cecelia Ahern ; tradução Ana Paula Corradini. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.
Título original: The year I met you.
ISBN 978-85-8163-832-4
1. Ficção irlandesa I. Título.
15-11158 CDD-ir823.9

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura irlandesa ir823.9



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minha amiga Lucy Stack.

*Bem quando a lagarta achou que o mundo tinha acabado,
transformou-se em borboleta...*

“Nossa maior glória não reside no fato de jamais cairmos, mas sim em nos levantarmos após cada queda.”

Confúcio

INVERNO

A estação entre o outono e a primavera, que no Hemisfério Norte compreende os meses mais frios do ano: dezembro, janeiro e fevereiro.

Um período de inatividade ou declínio.

Capítulo 1

Eu tinha cinco anos quando soube que ia morrer.

Até então, eu não tinha pensado que não viveria para sempre; e por que pensaria? O tópico da minha morte nunca fora mencionado casualmente.

Meu conhecimento sobre a morte não era fraco; peixes dourados morriam, eu aprendi por experiência própria. Eles morriam se você não os alimentasse, e também morriam se você desse comida de mais para eles. Cachorros morriam ao passarem correndo na frente de carros em movimento, ratos morriam quando eram tentados por biscoitos de chocolate na ratoeira no nosso lavabo sob a escada, coelhos morriam ao escaparem de suas jaulas e se tornarem presa de raposas malvadas. Descobrir essas mortes não me causou nenhum alarme pessoal; mesmo aos cinco anos eu sabia que eles eram bichos fofinhos que faziam besteira, coisas que eu não tinha a menor intenção de fazer.

Então fiquei muito perturbada ao descobrir que a morte também poderia me encontrar.

De acordo com minha fonte, se eu tivesse “sorte”, minha morte aconteceria da mesma forma que a do meu avô. Velho. Cheirando a fumaça de cachimbo e peidos, com bolas de lenço de papel grudadas na barba por fazer acima do lábio superior de tanto assoar o nariz. Linhas pretas de sujeira sob as pontas das unhas de tanto mexer no jardim; olhos se amarelando nos cantos, me fazendo lembrar da bolinha de

Cecelia Ahern

gude da coleção de meu tio que minha irmã tinha a mania de chupar e engolir, fazendo com que meu pai viesse correndo para lançar os braços ao redor da barriga dela e apertá-la até que ela cuspsse a bolinha de gude de volta. Velho. Com calças marrons esticadas para cima da cintura, parando apenas no seu peito flácido e parecido com seios de mulher, revelando uma pança mole e testículos apertados de um lado do cavalo da calça. Velho. Não, eu não queria morrer como meu avô tinha morrido, mas morrer velho, minha fonte revelou, era a melhor alternativa.

Eu aprendi sobre minha morte iminente por intermédio de Kevin, meu primo mais velho, no dia do enterro do vovô, enquanto estávamos sentados na grama no fundo de seu quintal comprido com copos de plástico de limonada vermelha nas mãos e o mais longe possível de nossos pais de luto, que pareciam mais besouros-do-esterco naquele que foi o dia mais quente do ano. A grama estava coberta de dentes-de-leão e margaridas e muito mais comprida que o normal, já que a doença do vovô não havia permitido que ele arrumasse o jardim em suas últimas semanas de vida. Eu lembro que estava triste por ele, e queria defendê-lo também, já que, de todos os dias para exibir seu belo jardim a seus vizinhos e amigos, justo nesse dia as plantas não estavam a perfeição à qual ele sempre aspirou. Ele não teria se importado em não ter comparecido — ele não gostava muito de conversar —, mas pelo menos teria se importado com a apresentação do quintal, e então desaparecido para ouvir os elogios de longe, longe de todos, talvez no andar de cima da casa por uma janela aberta. Ele fingiria nem se importar, mas se importava, sim, um sorriso satisfeito no rosto para combinar com os joelhos manchados de verde da grama e as unhas pretejas. Alguém, uma velha senhora com um rosário de contas enroscado com força ao redor dos nós dos dedos, disse que sentiu a presença dele no jardim, mas eu não senti. Eu tinha certeza de que ele não estava lá. Ele ficaria tão irritado com a aparência do jardim que não teria aguentado ficar por ali.

Minha avó pontuava o silêncio com frases como “Os girassóis dele estão em flor, Deus abençoe sua alma”, e “Ele nem conseguiu ver as petúnias florescendo”. Ao que meu primo espertinho Kevin disse:

— É, o corpo dele agora virou adubo.

Todo mundo segurou um sorrisinho; todo mundo sempre ria com as coisas que Kevin dizia porque Kevin era legal, porque Kevin era o mais velho, cinco anos mais velho que eu e que, no alto de seus dez anos, dizia coisas cruéis e malvadas que ninguém mais se atreveria a dizer. Mesmo se a gente não achasse engraçado, o negócio era dar risada porque, se não ríssemos, ele rapidamente nos transformaria em objeto de sua crueldade, e foi isso que ele fez comigo naquele dia. Naquela rara ocasião, eu não achei engraçado que o corpo morto do vovô estivesse debaixo da terra e ajudando as petúnias a crescerem, nem achei cruel. Eu enxerguei certa beleza naquilo. E uma plenitude e justiça adoráveis também. Era *exatamente* o que meu avô teria adorado, agora que seus dedos grossos como linguças não podiam mais contribuir para o florescer em seu jardim comprido e bonito e que era o centro de seu universo.

Foi o amor do meu avô pela jardinagem que inspirou a escolha do meu nome: Jasmine. Foi isso que ele levou para minha mãe no hospital quando nasci: um buquê de flores que tinha arrancado da moldura de madeira que ele mesmo havia construído e pintado de vermelho e que adornava a parede assombreada dos fundos, embrulhado em jornal e amarrado com um barbante marrom, a tinta da cruzadinha do *Irish Times* escorrendo com a água da chuva que havia ficado na haste das flores. Não era o jasmim de verão que todos conhecemos das velas perfumadas e caras e vaporizadores chiques de ambiente; eu nasci no inverno, e então o pequeno jasmim, com suas flores pequenas e amarelas como estrelas, estava em abundância no jardim dele para ajudar a iluminar o inverno sem graça. Acho que meu avô nem pensou no significado da flor, nem sei se ele se sentiu particularmente honrado com a homenagem de minha mãe em me dar o nome da flor que ele havia trazido. Eu acho que, para ele, era um nome estranho para dar a uma criança, um nome criado apenas para coisas naturais no jardim, e jamais para uma pessoa. Com um nome como Adalbert, em homenagem a um santo que fora missionário na Irlanda, e com Mary como nome do meio, ele não estava acostumado a nomes que

Cecelia Ahern

não vinham da Bíblia. No inverno anterior, ele havia comprado urzes violáceas para minha mãe quando minha irmã nasceu e ela ganhou o nome de Heather¹. Um presente simples quando minha irmã nasceu, mas que me fez pensar nas intenções dele a respeito do meu nome. Ao pesquisar, descobri que o jasmim de inverno é um parente direto da urze que floresce no inverno — mais uma provedora de cores para os jardins de inverno. Não sei se é por causa dele ou do jeito que ele era, mas sempre acreditei esperançosamente que as pessoas quietas tivessem uma mágica e um conhecimento que pessoas menos contidas não têm; que o fato de *não* dizerem alguma coisa significa que pensamentos mais importantes estão passando pela cabeça delas. Talvez aquela simplicidade aparente contivesse um mosaico escondido de pensamentos fantásticos e, entre eles, meu avô Adalbert querendo que eu me chamasse Jasmine.

De volta ao jardim, Kevin interpretou erroneamente minha falta de riso à sua piada sobre a morte como reprovação, e não havia nada que ele odiasse ou temesse mais, então ele voltou seu olhar selvagem em minha direção e disse:

— Você também vai morrer, Jasmine.

Sentada em um círculo de seis, eu, a mais nova do grupo, com minha irmã girando sozinha a alguns metros de distância e adorando ficar tonta e cair no chão, uma correntinha feita de margaridas presa ao redor do meu tornozelo, e um nó tão grande na garganta que eu não sabia se tinha engolido uma das abelhas gigantes enxameadas ao redor do bufê de flores ao nosso lado, tentei compreender o fato de meu futuro falecimento. Os outros ficaram chocados com o fato de ele ter dito aquilo, mas, em vez de me defenderem e negarem aquela declaração que mais parecia uma premonição, eles me lançaram um olhar triste e assentiram com a cabeça. “Sim, é verdade”, todos concordaram com aquele único olhar. “Você vai morrer, Jasmine.”

Em meu longo silêncio, Kevin traçou um plano ainda mais terrível para mim, enfiando a faca ainda mais fundo. Eu não apenas morreria, mas, antes disso, eu teria uma coisa chamada menstruação todo mês

1. O nome da urze em inglês. (N. T.)

O Ano em que Te Conheci

pelo resto da minha vida, o que causaria dor e agonia excruciantes. Então, aprendi como os bebês eram feitos, em uma descrição tão aprofundada que achei tão horrível a ponto de mal olhar meus pais nos olhos por uma semana e, então, para jogar sal em minha ferida aberta, fiquei sabendo que o Papai Noel não existia.

Você tenta esquecer coisas como essa, mas eu não consegui.

E por que estou falando desse episódio da minha vida? Bom, foi ali que *eu* comecei. Onde eu, como eu me conheço, como todo mundo me conhece, fui formada. Minha vida começou quando eu tinha cinco anos. Saber que eu ia morrer instilou algo em mim que ainda carrego comigo até hoje: a consciência de que, apesar de o tempo ser infinito, o *meu* tempo era finito, o *meu* tempo estava acabando. Eu percebi que minha hora e a de outra pessoa não eram a mesma coisa. Não podemos passar essa hora da mesma maneira, nem podemos pensar sobre ela do mesmo jeito. Faça o que quiser com a sua, mas não me arraste junto; não tenho tempo a perder. Se quiser fazer alguma coisa, você tem de fazer isso agora. Se quiser dizer alguma coisa, então precisa dizer agora. E, principalmente, tem de fazer você mesmo. A vida é *sua*, é você quem vai morrer, é você quem vai perder. Então me acostumei a levar as coisas à frente, a fazer acontecer. Eu trabalhava a um ritmo que muitas vezes me deixava sem fôlego, e mal tinha um momento para me reagrupar comigo mesma. Corria bastante atrás de mim, mas raramente me alcançava; eu era rápida.

Levei um monte de coisas comigo daquela reunião na grama daquela noite, e não apenas as margaridas que pendiam dos meus pulsos e tornozelos e que foram entrelaçadas em meus cabelos enquanto seguíamos as pessoas de luto queimadas do sol que se dispersavam na volta para casa. Eu estava com o coração cheio de medo, mas não muito tempo depois, da maneira que apenas uma criança de cinco anos poderia processar tudo isso, o medo foi embora. Eu sempre pensei na morte como meu avô Adalbert Mary sob a terra, ainda cuidando do jardim mesmo sem estar ali, e senti esperança.

Você colhe aquilo que planta, mesmo na morte. E então eu comecei a plantar.